UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A inserção da cultura na educação básica e o seu auxílio na formação do pensamento crítico.

Mariana Gomes Gonçalves

São Paulo
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A inserção da cultura na educação básica e o seu auxílio na formação do pensamento crítico.

Mariana Gomes Gonçalves

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

Orientador: Dennis de Oliveira

São Paulo
2022

RESUMO

O presente estudo propõe uma análise sobre a importância da cultura, por meio da Arte-Educação na rede pública de educação, em particular a inserção das artes cênicas e sua contribuição para a formação do pensamento crítico, elemento fundamental na transformação sociocultural do indivíduo e na relação que ele estabelece com a realidade em que está inserido. Entendendo tal formação como uma manifestação que possibilita o desenvolvimento de habilidades importantes, em áreas muitas vezes esquecidas, pretende-se, como ponto de partida, refletir sobre as ações realizadas pelo Programa Vocacional — projeto da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a Secretaria Municipal de Educação — e os projetos realizados nas escolas da rede pública da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Teatro. Arte educação. Pensamento crítico. Formação. Produção Cultural.

ABSTRACT

The present study proposes an analysis of the importance of culture, through Art-Education in the public education network, in particular the insertion of the performing arts, and its contribution to the formation of critical thinking, a fundamental element in the sociocultural transformation of the individual and its relationship with the reality in which it lives. Understanding such training as a manifestation that allows the development of important skills, in areas often forgotten, it is intended, as a starting point, to reflect on the actions carried out by the Vocational Program —a project of the Municipal Department of Culture in partnership with the Municipal Department of Education — and projects carried out in public schools in the city of São Paulo.

Keywords: Theater. Art education. Critical thinking. Formation. Cultural production

RESUMEN

El presente estudioproponeunanálisis de laimportancia de la cultura, a través del Arte-Educaciónenlared de educación pública, en particular lainserción de las artes escénicas y su aporte a laformacióndelpensamiento crítico, elemento fundamental enlatransformación sociocultural delindividuo. y enlarelación que establececonlarealidadenla que se inserta. Entendiendo tal formación como una manifestación que permite eldesarrollo de importantes competencias, en áreas muchasveces olvidadas, se pretende, como punto de partida, reflexionar sobre lasacciones realizadas por el Programa Vocacional - proyecto de laSecretaría Municipal de Cultura encolaboraciónconlaSecretaría Municipal de Educación— y losproyectos realizados enescuelas públicas de laciudad de São Paulo.

Palabras clave: Teatro. Educación artística. Pensamiento crítico. Formación. Producción cultural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 3

2 CULTURA, ARTE-EDUCAÇÃO E AÇÃO CULTURAL.……....……..... 6

3 AÇÕES CULTURAIS REALIZADAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: PROGRAMA VOCACIONAL..……..... 10

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 16

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS..... 18

ANEXO 1 - EDITAL DE CONCURSO PARA CONTRATAÇÃO DE ARTISTAS PARA O PROGRAMA VOCACIONAL DA SUPERVISÃO DE FORMAÇÃO CULTURAL.....20

ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ARTISTAS ORIENTADORES DO PROGRAMA VOCACIONAL..... 22

1 INTRODUÇÃO

As concepções sobre políticas culturais, e muito do que se discute sobre a cultura e os espaços culturais, estão voltadas para as relações com o mercado e seu retorno financeiro para a sociedade. Tendo como ponto de partida o conceito de que a palavra **cultura** se relaciona com as práticas de organização simbólica, de produção social de sentido e de relacionamento com o real (SODRÉ, Muniz, 1994, p. 12), é possível pensar na cultura sob uma perspectiva de desenvolvimento de seu valor e de seu impacto humano.

Esse espaço dedicado à cultura, conforme complementa a ativista e crítica cultural Marta Porto (2019), funciona também como resistência, trazendo autonomia a quem inventa, ressignifica seu tempo e se potencializa como ser. Ao refletir sobre o viés apresentado, questiona-se sobre o que se tem feito para trabalhar a imaginação e o processo criativo nas escolas, com crianças, jovens, famílias, entre outros.

Com o avanço de uma política conservadora no país, testemunha-se cada vez mais a intolerância e o desmonte cultural, agravado pelo advento da pandemia do novo coronavírus, que afetou e segue afetando diretamente o setor. Nesse contexto, há uma urgência na pauta sobre a movimentação da cultura e da educação em seu compromisso com os valores e a construção de uma democracia participativa.

O presente estudo propõe analisar a importância da inserção da cultura — mais especificamente, das artes cênicas — na educação básica, momento de maior desenvolvimento humanístico, de personalidade e de conhecimento do mundo. Busca também apresentar como a cultura auxilia na formação do pensamento crítico, que é elemento fundamental na transformação sociocultural do indivíduo e de sua relação com a realidade em que vive. Delimitam-se projetos e ações culturais realizados na rede pública de educação da cidade de São Paulo — com foco no "Programa Vocacional" [1]da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a Secretaria Municipal de Educação — que têm a finalidade de promover ações e reflexões sobre a prática artística, a cidadania e a ocupação de espaços públicos.

Segundo Paulo Freire (1981) "para os seres humanos, como seres de práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho". Junto a essa capacidade de refletir e agir sobre a realidade, para assim transformá-la,pode-se pensar no "pensamento

[1]Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/977/>. Acesso em 11 maio 2022.

crítico" advindo de uma "formação crítica" que desenvolva e conduza alunos e professores a uma maior autonomia e emancipação.

A educação em arte, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), busca a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas; além de contribuir para que o aluno tenha melhor relacionamento e fixação de conteúdo das demais disciplinas do ensino regular, pois: "um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, e a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático". (BRASIL, 1997, p.19).

A inserção da cultura na educação auxilia não só como método para a fixação de conteúdos regulares, tal qual o caso de professores que utilizam das artes-cênicas para o ensino da literatura e de momentos históricos nas aulas de história, e também como forma de promover trocas de vivências, experiências, pluralidade de expressões, muitas vezes esquecidas, além de atuar conscientemente na vida em sociedade.

Levando em consideração que a autora deste estudo atua como educadora social em uma organização não governamental (ONG), localizada em um bairro periférico da zona sul da cidade de São Paulo, observa-se que um dos projetos realizados é o de oferecer apoio escolar para alunas na faixa etária do ensino fundamental II. Em contato diário com essas alunas, no entanto, nota-se que, apesar de o ensino de arte em suas diversas linguagens constar na BNCC, na prática isso não ocorre de maneira ideal, sendo a realidade de grande parte das escolas da rede pública da cidade de São Paulo.

Muitos estudantes chegam ao ensino médio quase sem nenhum contato com as linguagens artísticas, principalmente com as práticas relacionadas ao teatro. Isso acontece, pois, embora a Base Nacional Comum Curricular se refira a quatro tipos de linguagem para a formação (teatro, artes visuais, dança e música), como mencionado anteriormente, as Leis de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) dão à escola a possibilidade de inserir apenas uma delas no currículo escolar. Entre as quatro linguagens mencionadas, apenas a Música foi incluída como obrigatória a partir de 2011. Já entre as outras três, quase que por unanimidade, Artes Visuais é a disciplina escolhida pelas escolas (CAVASSIN, 2008 *apud* COELHO, 2014).

Com base na análise do referencial proposto, nota-se uma carência de produções artístico-pedagógicas, particularmente na linguagem teatral. Esse contexto faz com que exista uma urgência na pauta sobre a movimentação da cultura e da educação no compromisso com

os seus valores e na construção de uma democracia participativa, além de demonstrara importância do desenvolvimento dessas práticas junto ao processo de amadurecimento humano, principalmente no momento da educação, espaço de maior formação humanística, de personalidade e de conhecimento do mundo.

2 CULTURA, ARTE-EDUCAÇÃO E AÇÃO CULTURAL

Segundo Terry Eagleton (2005), a palavra *culture* (cultura) é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas da língua inglesa. Sua origem etimológica forma-se do latim *colere* que significa "lavoura", "cultivo agrícola"; a princípio, está relacionada à agricultura e, posteriormente, se liga a ideia de "cultivo da mente", saindo do campo material para um abstrato, intelectual e até mesmo espiritual. As discussões acerca da origem latina do termo cultura abrem possibilidades de significação de ideias muitas vezes distintas, desenvolvidas por autores e pesquisadores da área, em destaque, Terry Eagleton (2005) e Raymond Williams (2000), assim como a compreensão das relações sociais complexas e contraditórias:

> "Nessa perspectiva, o conceito de cultura apela ao sentido antropológico que começara a se estabelecer na segunda metade do século XIX. Sua referência mais óbvia é à ideia de comunidade. As pessoas vivem juntas e compartilham certo tipo de organização, a qual treinou suas mentes para as diversas atividades conformadoras da prática social em seu conjunto." (AZEVEDO, 2017, p. 210).

Muniz Sodré (1994, p.12) também se debruça sobre a genealogia do conceito e complementa que, para as modernas civilizações ocidentais, o conceito antropológico de cultura já não é mais o da tradição transmissível de comportamentos aprendidos, mas um complexo diferenciado de relações de sentido, explícitos e implícitos, concretizados em modos de pensar, agir e sentir. Sodré acrescenta que, dentro ou fora do discurso antropológico, a palavra cultura relaciona-se com as práticas de organizações simbólicas, de produção social de sentido e de relacionamento com o real, definição na qual o presente estudo mergulha-se.

A partir do conceito de cultura apresentado, pode-se realizar um diálogo crítico do pensamento de Paulo Freire e das então nascentes tradições dos estudos culturais personificados nos autores citados anteriormente, sobretudo em Raymond Williams

> "A obra de Paulo Freire ajuda a consolidar as bases para o entendimento das interrelações entre comunicação, educação e cultura, cujos desdobramentos refletem-se, mais tarde, no desenvolvimento de uma vertente denominada de estudos culturais e comunicação […] O entendimento da comunicação é reorientado a uma revalorização do universo cultural e do cotidiano dos sujeitos como mediadores dos sentidos produzidos no campo da recepção das mensagens difundidas pelos meios massivos de comunicação." (COGO, 1999 *apud* LIMA, 2011. p.20).

Através de sua pedagogia, Paulo Freire (1974) consolida o conceito de que a educação deve apresentar uma formação crítica que leve a uma maior autonomia e emancipação, conduzindo os cidadãos a serem capazes de analisar sua realidade social e, então, de gerar possibilidades para transformá-la:

> "Toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador, que implica em uma concepção dos seres humanos e do mundo. O processo de orientação dos seres humanos no mundo envolve não apenas a associação de imagens sensoriais, como entre os animais, mas, sobretudo, pensamento-linguagem; envolve desejo, trabalho-ação transformadora sobre o mundo, de que resulta o conhecimento do mundo transformado." (FREIRE, 1981, p. 35).

Para mergulhar mais profundamente nos estudos e pensamentos de Paulo Freire, é necessária uma breve análise sobre três de seus conceitos-chave: cultura do silêncio, conceito antropológico de cultura e ação cultural. No segundo capítulo de seu primeiro livro "Educação como prática de liberdade", de 1971, Freire dedica-se à discussão da "inexperiência democrática" brasileira e enfatiza que o Brasil nunca experimentou um senso de comunidade e de participação na solução de problemas comuns, que se instala na consciência do povo e se transforma em sabedoria democrática:

> "Os três séculos de dominação portuguesa e espanhola na América Latina resultaram numa estrutura de dominação à qual corresponde uma totalidade ou um conjunto de representações e comportamentos ou "formas de ser, pensar e expressar." (LIMA, 2011. p.113).

Freire elabora, em sua obra, a ausência de circunstâncias para o diálogo no desenvolvimento histórico do país e a "herança colonial", que caracteriza uma sociedade marcada pelo que ele denomina "mutismo brasileiro", termo que antecede o conceito de "cultura do silêncio". A preocupação do autor é a de que esse mutismo não significa ausência de resposta, mas sim uma resposta que carece de criticidade (LIMA, 2011). O conceito de "cultura do silêncio" surge, então, a partir da análise da herança colonial brasileira, ampliando-se aos outros países da América Latina e, posteriormente, para todas as sociedades do terceiro mundo e para os povos oprimidos.

> "A maior preocupação de Freire, contudo, é com as pessoas que se encontram mergulhadas na cultura do silêncio, com todos aqueles que, apesar de sujeitos criativos e transformadores, não têm voz própria, postura crítica […] O homem que vive mergulhado na cultura do silêncio pensa em si próprio como fazendo parte do mundo "natural", e não como seu transformador (LIMA, 2011. p.113 -114)

Desse contexto de ajudar o homem a conquistar o seu direito de falar, de ter voz, é que emerge o conceito antropológico de cultura de Freire. A vivência dele como coordenador de projetos de educação para adultos do movimento de cultura popular do Recife e sua experiência com o lançamento do "círculo de cultura" deu origem ao famoso método para educação de adultos e aos denominados "temas dobradiças", que consistem em temas apresentados pelo professor-aluno.

> "No lugar de um professor, nós tínhamos um coordenador; no lugar de aulas, diálogo; no lugar de alunos, participantes do grupo; no lugar de esquemas alienantes, programas compactos que eram reduzidos e codificados sob a forma de unidades de aprendizado." (FREIRE, 1971, p.115).

O conceito antropológico de cultura foi o primeiro entre os "temas dobradiças" e tinha como função:

> "Ajudar o analfabeto a superar sua compreensão mágica ou ingênua da realidade e desenvolver um entendimento cada vez mais crítico, esclarecendo o papel do homem no mundo e com o mundo enquanto ser transformador e não simplesmente adaptativo." (FREIRE, 1971, p.108).

Assim, se o principal desafio da educação é o de mostrar possibilidades e caminhos — para que o ser humano desenvolva sua capacidade de interpretação, pensamento e olhar crítico sobre o mundo e sua realidade —, deve-se repensar o lugar, muitas vezes esquecido, da cultura e da arte na educação. Para isso, é necessário reinventar-se através da imaginação e apostar que a imaginação, como pilar educativo, pode ser também uma dimensão para reinventar as crenças que orientam a vida pública, nos salvando de um presente-futuro de anomia, comodismo e repetição (PORTO, 2019).

Essa transformação deve ser realizada desde a base e tem como principais agentes escolas e espaços culturais que, realizando um trabalho em conjunto, geram um grande campo fértil para essa mudança. Delimitando o foco da relevância das práticas artísticas, destaca-se a área do teatro-educação, muitas vezes esquecida entre as práticas artísticas no âmbito escolar, que se caracteriza pela imersão pessoal (na relação do "eu" com o "eu"), seguida também da relação de coletividade (o "eu" com o "outro") promovendo o amadurecimento emocional e de ponte para o mundo, relação muito bem apresentada por Maria Azevedo Coelho:

> "O mergulho em si mesmo propiciado pelo teatro potencializa as descobertas pessoais de uma forma indireta. No teatro, é por meio do não-ser que se descobre o ser. No fazer teatral, a tolerância se amplia na medida em que o "eu" se coloca no

> lugar do outro, que sinta suas dores, as alegrias, os sentimentos.” (COELHO, 2014. p.10).2

O processo de formação do ator é, antes de tudo, uma formação humanística voltada para o sujeito, seu autoconhecimento, seu relacionamento com o mundo e sua “bagagem” pessoal, que, através de seu desenvolvimento, auxiliam a produção e o fazer artístico resultados desse processo. Essa formação se aproxima do conceito de “educação transformadora” que, segundo Paulo Freire, é a educação voltada para o entendimento de educadores e educandos como seres capazes de refletir e agir sobre sua realidade para assim transformá-la, e não mais à noção vertical de transmissão de conhecimento, ainda muito comum nas discussões da área.

Freire denominou de conscientização o processo de uma educação transformadora e o esclarecimento do papel transformador do homem no mundo. A partir da conscientização em uma cultura do silêncio, Freire se refere à ação cultural, e não há nenhum outro contexto em que o conceito de cultura se revele tão claramente como o que será discutido a seguir.

---

[2] TEATRO NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO EFETIVA. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8513>. Acesso em 11 maio 2022.

3 AÇÕES CULTURAIS REALIZADAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: PROGRAMA VOCACIONAL

Freire utiliza a expressão “ação cultural” para identificar a atividade educativa que, segundo ele, se constitui em um processo necessário, até uma exigência da própria natureza humana, e que não pode ser compreendida sem um conhecimento prévio do conceito antropológico de cultura e do conceito da cultura do silêncio, mencionados anteriormente neste artigo.

Um exemplo de destaque entre as ações culturais realizadas na cidade de São Paulo é o trabalho realizado pelo “Programa Vocacional”. Ele espalha sementes de criatividade através de processos que têm como objetivo emancipar e gerar autonomia por meio de práticas artístico-pedagógicas compostas por linguagens artísticas integradas, como as artes visuais, música, teatro, dança e literatura.

Conforme disposto no edital (Anexo 1), o Vocacional é um programa de formação artística fundamentado pela ideia de cidadania cultural, que atua, desde 2001, com o objetivo de instaurar processos artístico-pedagógicos, voltados para o público acima de 14 anos.Com a finalidade de promover formação, ação e a reflexão sobre a prática artística, a cidadania e a ocupação dos espaços públicos da cidade, o programa desenvolve atividades relacionadas a diversas linguagens artísticas. São realizados encontros semanais de orientação artística com 3 horas de duração, nos quais são atendidas turmas iniciantes e/ou grupos e coletivos. Os encontros estabelecem um lugar de diálogo entre o Artista Orientador e o Artista Vocacionado (público atendido), seus históricos e realidades. Busca-se, nestes processos, por novas formas de criação, de convivência e de transformação cultural. Além dos encontros, o Programa promove outras ações culturais, atividades de vínculo e intervenção nos territórios da cidade que complementam os processos artístico-pedagógicos com as turmas e/ou grupos atendidos.

> **“**O Programa é um dos responsáveis pela promoção de ações culturais na cidade de São Paulo através da criação de redes de atuação, do trânsito de artistas entre os diferentes territórios da cidade e da instauração de processos artístico-pedagógicos em todas as linguagens artísticas. Ao assumir o papel de agente cultural, o artista orientador extrapola a sala de ensaio como espaço de criação e convida os vocacionados a empreender em conjunto uma construção artística que cria diálogo, reflexão e interferência em seus lugares de origem e na cidade, apropriando-se desse processo enquanto construção da sua autonomia na criação e produção das obras.” [3]

[3] AÇÕES CULTURAIS: ARTISTA ORIENTADOR COMO AGENTE CULTURAL. Disponível em: <http://supervisaodeformacao.prefeitura.sp.gov.br/index.php/vocacional-acoes-culturais-artista-orientador/>. Acesso em 11 maio 2022.

Os Artistas Orientadores e os Artistas Articuladores são selecionados para o Programa através de um edital anual — feito pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC) por intermédio da Supervisão de Formação Cultural, com duração de 9 meses — em um processo seletivo composto por duas fases. A primeira fase é de envio e análise da documentação solicitada e uma carta de apresentação — o edital atual substituiu a carta por um vídeo de apresentação e pela comprovação de experiência como artista e educador. A segunda fase é composta por entrevistas e dinâmicas em grupo com os candidatos que atingiram a pontuação necessária de 12 pontos na primeira fase.

Os artistas realizam suas atividades em espaços da Secretaria Municipal de Cultura e da Secretaria Municipal de Educação em diversas regiões da cidade (Centro-Oeste/Norte, Leste e Sul), tais como Bibliotecas, Centros Culturais, Casas de Cultura, Teatros e Centros Educacionais Unificados (CEUs), além da possibilidade de parceria com outros equipamentos e/ou espaços públicos. São atribuídas às seguintes funções aos Artistas Orientadores, conforme edital (anexo 1):

> "Serviços prestados pelos **Artistas Orientadores**:
>
> a. Planejar e instaurar processos artístico-pedagógicos que instiguem a pesquisa e a criação artística em diferentes contextos, utilizando referências e pedagogias em diálogo com as diversidades pessoais e regionais das turmas e/ou grupos e espaços culturais, disponibilidade de orientação para pelo menos duas turmas e/ou grupos diferentes;
> b. Difundir o programa no território de atuação, envolver a comunidade e os agentes culturais locais nas ações do programa, estimular a formação de turmas, planejar e participar de ações envolvendo as redes do programa;
> c. Registrar por meio de relatórios, imagens, vídeos, formulários e similares, os processos, práticas e ações realizadas no âmbito do Programa;
> d. Participar dos encontros semanais de equipe que ocorrerão às segundas-feiras pela manhã, entre 9h e 13h, com duração máxima de 4 horas, participar dos encontros de formação, encontros intersetoriais regionais e dos encontros gerais (de todos os artistas do Programa);
> e. Realizar as ações sob sua responsabilidade a partir das diretrizes do Programa, da Supervisão de Formação Cultural e do contrato a ser firmado."

Em 2021, o programa completou 20 anos em um cenário marcado pela resistência, em razão do contexto político atual e de uma pandemia que desafiou ainda mais o setor artístico, que se deparou com a adaptação de todos os processos artístico-pedagógicos para o modo remoto. Para uma melhor análise sobre os principais resultados e desafios na trajetória do Vocacional, foram realizadas cinco entrevistas com Artistas Orientadores que participaram da última edição do Programa.

O primeiro ponto analisado foi o contato inicial dos artistas com o Programa e as relações políticas que permeavam e contextualizavam o período. É importante ressaltar que

todos os artistas entrevistados já tiveram contato com edições anteriores a de 2021. Alguns acompanharam o programa desde a sua criação e haviam participado de edições anteriores também como Artistas Orientadores, destacam-se dois dos artistas entrevistados que iniciaram suas trajetórias como Artistas Vocacionados e retornaram, dessa vez, mostrando os frutos do programa como Orientadores.

Desde a criação do programa no governo Marta e com o trabalho de seus idealizadores, evidencia-se a importância do incentivo e da gestão por parte das políticas públicas da cidade. Como o exemplo do idealizador Celso Frateschi, diretor do Departamento de Teatro da Secretaria Municipal da Cultura, na época, e ex-secretário da cultura da cidade, que desejava poder trabalhar com grupos de teatro que estivessem espalhados pela cidade e com jovens que tinham acabado de se formar, para que pudessem ocupar os espaços, territórios e periferias. Inicialmente, o Programa chamava-se Projeto Teatro Vocacional e desenvolvia atividades unicamente na área teatral, depois foram inseridas outras linguagens, como dança, música, literatura e artes visuais e hoje conta também com o circo.

O Vocacional se desenvolveu e foi resistência a sucessivas trocas de governo, com destaque para o ano de 2017, marcado por inúmeras divergências do então secretário da cultura da cidade de São Paulo, André Sturm, com a classe artística, o que ocasionou no corte de mais de 300 artistas. Hoje, o programa ocupa um papel fundamental no campo da Pedagogia do Teatro e da Ação Cultural da cidade,atendendo a milhares de pessoas.

Ao serem questionados sobre qual seria o principal diferencial do Programa Vocacional, as reflexões dos artistas entrevistados se aproximam à discussão teórica apresentada anteriormente neste artigo. O programa tem como metodologia promover processos artístico-pedagógicos para Artistas Vocacionados(es) em diversos níveis de experiência; mesmo que seja o primeiro contato com uma linguagem artística, o participante recebe essa nomeação, quebrando, desde o início, a barreira hierárquica criada entre professor e aluno e promovendo a ideia de troca de experiências e escuta. Desse modo, não se estimula a construção de processos criativos pautados apenas pelo Artista Orientador, mas sim a ser investigado entre as pessoas e fundamentado na pesquisa cotidiana e em questionamentos acerca da realidade. Essa reflexão realizada pelo Vocacional baseia-se no livro “O Mestre Ignorante”, de Jacques Rancière, que tem a premissa de o mestre e os educandos(es) aprenderem em conjunto, sem o nível de hierarquia entre as partes,se aproximando à pedagogia de Paulo Freire e seu conceito antropológico de cultura e educação horizontal.

> "A ideia não é chegar com conhecimento, como se fossemos um professor e eles alunos e sim uma troca [...] o objetivo é que eu tenha uma escuta em relação a essas pessoas e isso é muito legal do Vocacional, sempre esse pensamento de que somos todos artistas com experiências diferentes dentro do teatro, mas somos todos artistas". (L.L., Artista Orientadora)

O espaço de experimentação dentro dos processos artístico-pedagógicos do Programa permite que os Artistas Vocacionados(es) se apropriem do território e dos equipamentos culturais da cidade, ressignificando esses espaços e criando um processo de autonomia e emancipação. Eles passam a entender a política cultural de uma maneira mais completa, fazendo parte do território para além das oficinas do Programa; através dessa participação e das ações culturais realizadas, geram experiências transformadoras.

> "O diferencial do Programa Vocacional é justamente esse aspecto de promover uma formação cidadã pela cultura, de tentar articular ali, a partir das artes, um processo de conscientização, de emancipação, de uma tentativa de articulação das pessoas que vivem nos territórios onde o programa reside." (A.C., 26 anos. Artista Orientador)

O programa não parte do ponto de vista da espetacularização da arte, mas propõe reflexões artísticas e pedagógicas para quem participa, atuando então como um agente cultural. Como parte dos processos artísticos, o artista é provocado a pensar no território, nas regiões da cidade e na articulação dessas regiões. O Vocacional difere-se por se difundir nas periferias da cidade, partindo da ação e do pensamento pedagógico que permitem espaços para a reflexão da diversidade e para a discussão política sobre questões afirmativas e de gênero que atravessam os processos. Porém, o Vocacional é apenas uma parte de um movimento cultural que se estabelece, pois ele depende diretamente da gestão dos espaços culturais, das políticas públicas da cidade, entre outros.

O grande diferencial também está presente em entender o contexto em que a ação cultural acontece, em como os envolvidos no processo são formados e se transformam, e na dimensão do território. Um termo recente dentro do vocabulário artístico, mas que se faz uma questão muito importante dentro do Programa ao dialogar com o lugar, memórias e criar relações e pontes desses territórios com outros, é o "nomadismo artístico". Através da busca de uma coletividade onde cada um possa entender o seu processo de emancipação pessoal e social individualmente, o teatro se torna um mecanismo de contato com as pessoas para que seja possível estabelecer um processo de formação cidadã a partir da cultura, articulado pela arte em um processo de conscientização, emancipação, entendimento de mundo e articulação entre aqueles que vivem em um mesmo território. Processos como esse auxiliam muitas

pessoas a se descobrirem e resultam em uma grande diversidade de produções artísticas que partem da experiência com o Vocacional.

A relação com o território também é muito presente para os Artistas Orientadores que realizam o trabalho onde habitam ou que voltam ao seu território de origem, sempre preocupados com o lugar de onde vêm como ser atuante e pertencente ao espaço. Para que os processos sejam fomentados, é importante entender o entorno e a população local.

Sobre os principais desafios e dificuldades acerca das questões institucionais e pedagógicas do programa, os Artistas Orientadores levantaram como principal tópico a falta de continuidade dos processos artístico-pedagógicos, por conta da curta duração (apenas 9 meses) dos editais. Há uma quebra nesses processos e uma rotatividade de pessoas que geram insegurança para a classe artística. O processo de informalidade e a falta de suporte no trabalho também dificultam a organização e o aprofundamento das questões levantadas por eles, e os fazem questionar como as instâncias hierárquicas auxiliam na construção anual do programa e nos processos criativos dos próprios artistas.

Essas questões conversam diretamente com as dificuldades por conta da pandemia e a adaptação dos processos artístico-pedagógicos para o virtual, uma vez que a discussão sobre o território se desgasta, impossibilitando a ação no território de maneira mais objetiva e dificultando a ocupação das oficinas pelos Artistas Vocacionados(es). Principalmente no ano de 2020, marcado pelo início da pandemia, houve falta de planejamento e suporte para os Artistas Orientadores, muito em razão do “improviso” para que as adaptações ao ensino remoto fossem possíveis, essas questões foram levantadas pelos próprios artistas e não pelas instâncias do programa.

Os questionamentos impactaram significativa e positivamente a edição de 2021. Foi a primeira edição com mais de 50% das vagas destinadas para pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+, além de abrir espaço para a acessibilidade, refletindo sobre uma formação que trabalhe com as questões afirmativas e de acesso de forma efetiva, capacitando os Artistas Orientadores para acolher e contemplar essas questões em seus processos,e não só na teoria.

Enfim, foram discutidos os reflexos e impactos do programa no ensino regular, pois, apesar de o Vocacional não acontecer dentro das escolas públicas, grande parte dos Artistas Vocacionados está em idade escolar e estuda dentro do mesmo território onde passa a ocupar junto aos equipamentos culturais. Isso cria atravessamentos com as escolas desde parcerias com os espaços até o caminho inverso, em que os jovens trazem suas realidades escolares e os colegas da turma para os processos e,através do teatro, começam a ter uma visão mais crítico-reflexiva, influenciando na participação escolar como grêmios, projetos, entre outros.

> “Pensar pedagogicamente é muito importante, e pensar em escola é onde se tem um pouco mais de reflexão sobre o espaço público, da cidade, da mobilidade urbana e da educação pública.” (P.G, 35 anos, Artista Orientador).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a conclusão desta breve reflexão sobre os conceitos de cultura, educação e ação cultural, que como pôde ser visto estão conectados para a definição de uma sociedade melhor, é necessário a retomada de outros conceitos**.** O primeiro deles é que Freire considera o homem como um ser inacabado, "na medida em que está sujeito às categorias de tempo e espaço", no entanto, ele é capaz de "refletir criticamente sobre o mundo e sobre si próprio". Complementa expondo que os homens são seres naturalmente envolvidos em uma permanente atividade de indagação (busca), e por isso são seres de práxis, que estão no mundo e com o mundo ora mergulhados, ora emergindo, ora intervindo (LIMA, 2011. p.131).

Os oprimidos vivem mergulhados em uma cultura do silêncio e é o processo de conscientização mediante a ação cultural que lhes torna possível intervir, tornarem-se sujeitos capazes de escolhas e de uma postura e pensamento crítico face ao mundo. É pelo fato de os homens serem inacabados e conscientes dessa condição que a ação cultural se torna possível:

> "A cultura, portanto, deve ser compreendida enquanto resultado da práxis e do trabalho humanos em sua relação dialética com o mundo. Ela compreende o universo simbólico e "abrangente" em que os homens atuam como seres conscientes. Não é uma coisa, mas uma relação, um processo dialético em permanente movimento, criado pelo homem, mas que, ao mesmo tempo, o cria." (LIMA, 2011 p.135).

O contato com a arte-educação em sua generalidade, em especial o teatro, desde os primeiros anos da vida escolar, se insere como uma importante e revolucionária ação cultural e justifica sua relevância ao trabalhar diretamente com o processo de conscientização e formação de uma postura e pensamento críticos em relação ao mundo, porém, segue ainda muito distante do ideal, apresentando-se no que Freire apresenta como um caráter "utópico, profético e esperançoso".

Essa carência vai além da falta de práticas pedagógicas voltadas ao teatro-educação dentro das escolas e começa ainda na formação dos educadores da área, onde, na grande maioria das grades curriculares dos cursos de licenciatura em arte, não contempla a discussão apresentada no presente artigo e a importância de Paulo Freire para a cultura e uma educação transformadora que poderia contribuir imensuravelmente no desenvolvimento de práticas pedagógicas ligadas ao teatro-educação, no sentido do desenvolvimento da postura crítica e da presença histórica. Além disso, essa dificuldade com as questões formativas também estão presentes na realidade das políticas públicas das cidades e na adversidade com gestores, que muitas vezes são indicados para os cargos sem nenhuma formação cultural.

O Programa Vocacional nasce no meio de todo esse contexto como uma proposta que nada contra a corrente e traz, através de seus processos artístico-pedagógicos, a liberdade de pensamento, quebrando as barreiras e se aprofundando na busca do aspecto humano para compreender a sociedade. O teatro é uma importante ferramenta para refletir sobre questões existenciais, sociais e políticas dentro do fazer artístico.

A denominação do Programa como “Vocacional” está relacionada não apenas à ideia de vocação ou profissão, mas à ideia de dar voz, chamar, palavra que vem do latim *vocare*, “potencializar as experiências”. A edição de 2021 teve como símbolo ideográfico a Sankofa — um pássaro com a cabeça voltada para trás — incentivando a reflexão de se avançar olhando para a própria trajetória e vendo o que é preciso ser reavaliado para construir uma nova perspectiva, e a importância de um olhar pedagógico que transforma para a presente realidade.

Mesmo que o Artista Vocacionado(e) não venha a atuar na área da cultura, todos os processos de emancipação e conscientização, unidos à formação de um pensamento crítico na leitura de mundo, auxiliam nas experiências em qualquer área, profissão e na vivência em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fábio Palácio de. **O Conceito de cultura em Raymond Williams**. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), São Luís, v. 3,número especial jul./dez., 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – Arte. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 130.

BRASIL. Decreto-Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB, Brasília.

CABRAL, Muniz Sodré. **A Verdade Seduzida**: Por Um Conceito de Cultura No Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

CABRAL, Muniz Sodré. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis/RJ: Editora Vozes Ltda., 2012.

CAPELLINI, Zeca. Teatro-Educação: A iniciação ao teatro. **Comunicação e Educação**. Revista do departamento de comunicação e arte da ECA/USP, São Paulo, 15 de set. 1994, p. 38-39.

COELHO, Márcia Azevedo. **TEATRO NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO EFETIVA**. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8513>. Acesso em 11 maio 2022.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: editora UNESP, 2005a. p. 204.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo**. Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**, com a colaboração de Jean-Gabriel Carasso e de Jean-Claude Lallias. São Paulo: Editora Senac; São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

Lima, Venício A. de. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**: Fundação Perseu Abramo, 2011.

PORTO, Marta. **Imaginação: reinventando a cultura**. São Paulo: Pólen, 2019.

WILLIAMS, Raymond.**Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.239.

ANEXO 1 — EDITAL DE CONCURSO PARA CONTRATAÇÃO DE ARTISTAS PARA O PROGRAMA VOCACIONAL DA SUPERVISÃO DE FORMAÇÃO CULTURAL — 21/2022/SMC/CFOC/SFC

A Secretaria Municipal de Cultura (SMC) por intermédio da Supervisão de Formação Cultural no uso das suas atribuições legais FAZ SABER que, durante o período de 24 de novembro de 2021 a 23 de dezembro de 2021, estarão abertas as inscrições online para a seleção de artistas interessados em prestar serviços no Programa Vocacional 2022.

Este Concurso para contratação de profissional do setor artístico é regulamentado pela Lei Federal nº 8.666, de 21 de junho de 1993, Lei Municipal nº 13.278 de 07 de janeiro de 2002; pelo Decreto Municipal 44.279, de 24 de dezembro de 2003; com alterações posteriores e demais normas regulamentares aplicáveis à espécie, constituindo-se em modalidade de licitação prevista no artigo 22 da referida Lei Federal, sendo suas condições complementadas, onde pertinente, pelo regulamento detalhado a seguir.

Este edital é elaborado em linguagem simples para facilitar sua divulgação e compreensão. As inscrições estarão abertas entre às 9h do dia 24/11/2021 até as 23h59 do dia 23/12/2021, exclusivamente no link: http://smcsistemas.prefeitura.sp.gov.br/capac/

DE QUE TRATA ESTE EDITAL?

1. O presente edital visa a seleção de artistas interessados em prestar serviços para o Programa Vocacional nas seguintes funções:

a. **Artista Orientador** (em Audiovisual, Artes Visuais, Circo, Dança, Literatura, Música e Teatro);

b. **Artista Articulador de Equipe e Processos Artístico-Pedagógicos**

c. **Artista Articulador Regional de Áreas** (Área de Acessibilidades e Redes de apoio, Área de Comunicação e Divulgação, Área de Instrumentais e Pesquisa)

d. **Coordenador Artístico-pedagógico.**

QUEM PODE PARTICIPAR DESTE EDITAL?

2. Poderão participar pessoas físicas que conheçam e aceitem as condições determinadas por este edital e pelo Programa e que apresentem a documentação exigida no item 19 e seus subitens deste Edital.

3. Não poderão participar deste edital servidores públicos pertencentes aos quadros de funcionários da Prefeitura Municipal de São Paulo, conforme vedação estabelecida no Estatuto dos Funcionários Públicos do Município de São Paulo (Lei no 8989/1979, artigo 179, inciso XV).

Não poderão participar deste edital candidatos(as) com grau de parentesco em linha reta, colateral ou por afinidade até o 3° grau com os membros da comissão de avaliação.[4]

[4] Disponível em: http://smcsistemas.prefeitura.sp.gov.br/capac/formacao_edital

ANEXO 2 — TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ARTISTAS ORIENTADORES DO PROGRAMA VOCACIONAL

ENTREVISTA 1

Nome: L.L. Idade: 50 anos. Atriz, Cantora e Artista Orientadora.

M: Gostaria que você falasse um pouquinho sobre você, sua trajetória, como você chegou até o Programa Vocacional e como foi a sua experiência...

L: Bom eu sou atriz, cantora, trabalho com alguns grupos de teatro aqui da cidade de São Paulo, então desde que eu me formei, fiz escola de arte dramática lá na USP, eu sempre trabalhei com teatro de grupo então eu comecei no teatro Ventoforte que é um grupo bem antigo e agora, depois do falecimento do Ilo Krugli, que era o diretor desse grupo, o grupo está mais parado, mas é um grupo bem antigo com mais de 40 anos de trabalho na cidade de São Paulo e sempre com teatro para adultos, mas também teatro voltado para crianças, para adolescentes e sempre com oficinas que traziam muita essa ludicidade para as crianças e sempre assim como uma oposição quase a contrapelo da tendência que a gente vive que é das coisas rápidas né, das coisas com esse pensamento empresarial e objetivo, não, era tudo muito dilatado era um tempo delatado sabe o tempo da brincadeira, o tempo do quintal. Então logo que eu saí da EAD já foi assim essa experiência muito forte com um teatro que tinha esse vínculo também com a arte-educação de alguma forma né não sei se educação é a melhor palavra assim, mas essa ludicidade né do teatro para criança que tivesse essa brincadeira em seu conteúdo. Hoje trabalho em outros grupos como a companhia do tijolo, trabalho com as meninas do Conto também que está completando 25 anos esse grupo desde sempre fazendo um teatro voltado para jovens e crianças bastante com narração de histórias e a companhia do tijolo que tem esse fundamento mais político mesmo, mais social nesse lugar assim do questionamento das estruturas da sociedade. Também formei um grupo que é o núcleo toada que aí é um grupo que trabalha mais com música misturada com teatro porque eu canto então basicamente é isso que eu trabalho.

Eu conheci o Vocacional logo que ele foi fundado, vamos dizer assim, Celso Frateschi era o secretário de cultura e aí ele tinha esse desejode poder trabalhar com grupos que estivessem espalhados pela cidade, de ter jovens que tinham acabado de se formar e que pudessem de uma forma bem capilarizada ir para outros espaços da cidade, outros territórios ali na periferia então começou muito com esse fundamento, mas na época eu não participei, eu comecei a

participar em 2019 que ainda foi uma edição antes da pandemia. É um processo seletivo a com várias etapas, a gente escreve uma carta de interesse aí tem todo o material que você precisa mandar comprovando não só a sua experiência pedagógica mas a sua experiência como artista porque esse é o grande lance do Vocacional eu acho, que todo mundo é artista então tem o artista orientador tem o artista articulador que aquele que faz a ligação do orientador com os equipamentos públicos e tem o artista vocacionado que são essas pessoas espalhadas pela cidade querendo fazer teatro ou outras linguagens também.

O Vocacional acaba sendo esse lugar de poder trabalhar essas linguagens artísticas e mesmo que a pessoa nunca tenha feito o teatro a gente chama esse jovem, esse adulto, essa pessoa como um artista vocacionado então a ideia não é chegar com conhecimento como se a gente fosse um professor né e eles fossem alunos não A ideia é uma troca então pensando que eu sou a artista orientadora porque eu tenho uma trajetória né de mais de 30 anos no teatro né que por isso eu vou chegar com algumas sugestões para aquele grupo de atividades de ações de montagem mas a ideia que eu tenha essa escuta em relação a essas pessoas e esse grupo para saber o que eles querem o que eles desejam porque teatro a gente pode trabalhar muitas coisas, mas o que eles querem falar né o que que eles querem trabalhar se eles querem trabalhar corpo voz texto e aí vai muito de acordo com a demanda mesmo daquele grupo então é uma troca isso é muito legal do vocacional sempre esse pensamento de que somos todos os artistas com experiências diferentes dentro do teatro mas somos todos artistas.

Em 2019 que eu entrei para o programa foi antes da pandemia então foi a última edição presencial, foi na zona sul que embora eu more aqui no centro eu comecei a fazer teatro na zona sul, eu nasci na zona sul, então tinha bastante conhecimento sobre o território de Santo Amaro, estudei e comecei a fazer teatro ali então é isso também o vocacional não é só você chegar e começar a trabalhar nos encontros, você também precisa fazer um trabalho de divulgação, fazer um trabalho como uma ação cultural mesmo sabe você também trabalha como agente cultural, o que significa que a gente ia nas escolas para fazer divulgação do vocacional, a gente colocava cartazes nas redondezas aonde ele ia acontecer então a gente usava as redes sociais dos equipamentos de Cultura daquela região, tudo que a gente podia divulgar né o programa, não só da linguagem de teatro mas todas as linguagens. A ideia é que você seja um agente cultural mesmo que você possa divulgar o programa nos lugares então eu acho também isso muito legal, é cansativo, dá um trabalhão, mas é interessante também porque você já entra em contato com esses lugares que mais tarde você pode fazer uma troca também e levar uma atividade para dentro dessas escolas enfim, a ideia é realmente uma

ocupação do espaço né, ocupação do território não é simplesmente chegar lá e fazer o trabalho não, é realmente uma ideia de circular naquele território trabalhando nele.
Aí na sequência veio a pandemia e o programa vocacional tem como uma característica que você não tem uma continuidade, a ideia é que ele tenha uma duração de nove meses mais ou menos e você trabalha naqueles nove meses, com aquela determinada turma e termina em novembro, normalmente a gente fica até março, abril sem essa continuidade de trabalho, isso por um lado é interessante porque você sempre renova as pessoas que vão estar em contato com aquele território, mas ao mesmo tempo também não cria uma continuidade. Essa característica que eu realmente vejo como dizer assim bem oposta, bem antagônica mesmo que tem um lado que é bom, pois a pessoa estiver no vocacional há dois anos, 3 anos ela vai ter a possibilidade de ter contato com diferentes orientadores, então tem uma visão diferente, mas isso dificulta um pouco essa continuidade. Em 2020 eu não entrei já em 2021 eu entrei e em 2020/2021 foram versões online então eu tive essa oportunidade de fazer presencial em 2012, 2019 e em 2021 online.

M: qual seria o principal diferencial do programa vocacional para outros programas e oficinas que existem na cidade de São Paulo?

L: Geralmente os cursos e oficinas têm uma característica de ter alguma especificidade então, por exemplo, uma oficina sobre teatro de rua, a pessoa já possuí um trabalho desenvolvidona área e ela vai dar aquela oficina específica sobre o assunto e as pessoas que estão interessadas vão realmente em busca de um conhecimento específico na área. Já o Programa Vocacional eu acho que o grande diferencial é esse de olhar para o Artista Vocacionado como um artista, mesmo que ele nunca tenha tido nenhuma experiência com área, ele é um artista em sua trajetória e cada pessoa tem uma trajetória única. Então essa pessoa está no começo da trajetória dela ou ela já tem muita experiência e quer montar uma peça, por exemplo, então você tem essas diferenças e eu acho isso muito rico, pensar que no mesmo grupo você tem uma pessoa com mais experiência e uma pessoa que está começando naquele dia também.
Esse é o grande barato do vocacional, a realização de uma troca verdadeira, quem tem mais experiência vai trocar com quem está começando e quem está começando também vai trocar porque já tem muita experiência.Outro diferencial bem importante é a liberdade que a gente tem como Artista Orientador, no conteúdo e na possibilidade de adaptar e de manipular mesmo todo o nosso conhecimento e trazer propostas que atendamas demandas dos Artistas Vocacionados.

M: Para finalizarmos, puxando um pouquinho para o tema da educação, pensando nos artistas vocacionados que estão em idade escolar, é possível afirmar que acontece uma transformação na relação deles com o ensino formal?

L: Eu quero crer que sim porque acho que as duas coisas andam necessariamente juntas. Eu acho que um indivíduo que tem essa possibilidade do contato com a arte, vai se tornar um cidadão muito mais consciente, uma pessoa ativa socialmente e politicamente, que tem opinião e consegue refletir sobre questões importantes para a sociedade. Desenvolve uma consciência coletiva e ao mesmo tempo um autoconhecimento eessa formação consequentemente tem efeito na trajetória escolar, para escrever, para relacionar-see a escola pode abrir espaço para isso.

M: Obrigada. Você trouxe informações e reflexões maravilhosas que ajudarão muito! Em breve retornaremos o contato para apresentar os resultados da pesquisa.

ENTREVISTA 2

Nome: A.C. Idade: 26 anos, Ator e Artista Orientador

M: Para começarmos, se você quiser comentar um pouquinho sobre a sua trajetória, como você chegou até o programa Vocacional e como foi sua experiência dentro do programa…

A: Eu começo no Programa Vocacional em 2012 como vocacionado de teatro lá no centro cultural da juventude por uma vontade de querer fazer teatro, não saber como fazer e não ter recurso financeiro para pagar um curso que fosse mais regular. O Vocacional tem um caráter bastante livre não tem caráter formativo, cheguei lá me aventurei e adorei muito, acho que quando eu entro no vocacional, muitas coisas na minha cabeça se abrem, as coisas mudam assim de perspectiva, de vontade, de até mesmo de afetos assim porque as pessoas que eu tinha proximidade, conhecimento eram da minha escola, eu estava no terceiro ano do ensino médio, o ambiente que eu vivi minha vida toda praticamente com 7,8 anos até os 17 anos. Fico um ano com uma turma de teatro que era duas vezes por semana que comumente isso não ocorre no programa, cada equipamento cultural com o orientador tinha um encontro por semana, mas como naquele ano específico a demanda de pessoas que buscaram e se

interessaram por fazer parte das orientações foi tão alta que o artista orientador, conversando com o programa, conseguiu ficar só naquele espaço e fazer duas turmas sendo que as duas turmas na verdade era uma só basicamente porque tinham pessoas de terça que iam na quinta-feira e tinha algumas de quinta que iam na terça.

No outro ano eu decidi que queria fazer teatro, queria me formar em artes cênicas e trabalhar com teatroali naquele momento da minha vida e no outro ano voltei a fazer parte, como artista vocacionado de teatro, mas também de outra linguagem que tinha sido aberta naquele ano que se chamava interlinguagens que era dança e artes visuais juntas e aí fiz parte, acho que na verdade de uns três ou quatro meses não fiquei o processo inteiro e foi um ano também diferente porque a demanda de pessoas que estavam interessadas tipo sumiu diminuiu porque tinhaesse fato de que no ano que eu comecei tinham muitas pessoas que estavam na mesma idade do que eu, 16 para 17, ou gente que tava saindo do fundamental para o médio então acho que essas mudanças também fizeram com que algumas pessoas não procurassem pelo programa de novo aí fiquei um período só não fiquei um ano inteiro e Fiquei estudando para o vestibular e aí no vestibular passei, fiz a universidade e finalizei a graduação em 2019, já na intenção de buscar meios de enfim me preparar para o processo seletivo no ano de 2020. Nesses anos todos, 2013 até 2019, eu fiquei muito afastado do Programa sem saber muito o que acontecia, como funcionava e tinha muito as memórias do que eu vivi aí prestei, passei e em 2020 e 2021 a pandemia desloca muito as ações do programa para uma Instância que não foi tão bem planejada.

Então em 2020 eu começo a trabalhar lá e é interessante pensar nesse deslocamento de quase 7,8 anos depois de ver algumas coisas que estão muito enraizadas no programa e outras que você imaginava que não eram nada enraizadas, mas que são e toda relação burocrática e política que ronda as instâncias do programa e que não amparam os artistas orientadores. Para mim, é uma grande dificuldade até hoje entender justamente como é que as instâncias hierárquicas do programa auxiliam na construção anual do programa mas também auxiliam nos próprios artistas orientadores, nos seus espaços formativos, assim estou dizendo tudo isso falando mais de uma relação institucional e menos pedagógica neste momento.

O programa é dividido em algumas instâncias hierárquicas de função dos quais as que estão acima elas tentam promover uma articulação tanto interna de formação quanto de deslocamento do programa para os territórios que ele habita e nesse quesito de formação o que acontece é que como é anual os processos, os editais são todos anuais então a grande questão para quem é artista orientador por falta de direito que a gente deveria ter e até mesmo dos próprios processos pedagógicos que são muito interrompidos não tem continuidade é

muito confuso e isso atrapalha muito para quem começa porque você de alguma maneira eles induzem programa te induz continuar ou começar alguma coisa mas ao mesmo tempo sem te dar um suporte mínimo para você estabelecer um contato com as pessoas e pensar de que maneira agir em determinadas demandas pedagógicas do tipo se uma vocacionada chegar e dizer que vive sozinha e é solitária ou pessoas que têm deficiência aparecerem no programa, como que a gente lida com isso sendo que possivelmente, dependendo do tipo de formação que você teve, você não tenha tido contato no sentido de poder ajudar as pessoas, de poder dar acesso aos seus trabalhos, são questões que são muito pulverizadas e que a gente não tem uma dimensão formativa mesmo ao mesmo tempo que anualmente dentro do programa a gente tem duas semanas de formação mas 2 semanas de formação dos quais os próprios artistas orientadores se colocam, são convidados a pensar em um tipo de proposição formativa pedagógica mas o programa em si ele não consegue pegar na mão e falar olha gente é dessa forma as organizações pedagógicas podem ser assim assim assado quem precisar de suporte pode recorrer a isso e aquilo e eu digo isso porque para mim é um espanto assim foi um espanto e que não era algo que eu não esperava que eu já imaginava mas que eu não estava preparado a própria relação com os equipamentos culturais e até esse momento de pandemia que esses contatos se perdeu um pouco mas a gente era meio condicionado a buscar esse contato, a gente precisava de alguma maneira tentar estabelecer esses laços, mas pelo outro lado a gestão de um céu a gestão de um equipamento cultural não dava suporte ou davam um suporte meio avacalhado assim tudo bem que pelo menos no ano de 2020 foi uma grande confusão e tava todo mundo muito perdido sobre o que fazer como fazer o que está acontecendo só que ao mesmo tempo no ano 2021 quando as pessoas já estavam um pouquinho mais acostumadas equipamentos culturais Já conseguiram estabelecer uma dinâmica de trabalho ali nas redes sociais como um todo a sensação de desamparo continuava a mesma.

M: Só para finalizarmos, qual o diferencial do Vocacional e a transformação desses artistas vocacionados no território, na cultura, após o contato com o Programa?

A: O Programa traz coisas para gente questionar que são muito interessantes de pensar e que me amparam quando eu vou pensar nos encontros que eu faço com a galera. O primeiro é pensar de que maneira a gente pode construir ali um coletivo, a busca de uma coletividade que individualmente cada um ali entenda os seus processos de emancipação, digamos assim, pessoais e sociais dentro de uma relação que é sempre individual e ao mesmo tempo coletiva

é então tem muita essa intenção, de dentro dos processos, poder auxiliar esse entendimento do emancipatório pessoal e coletivo e também a própria relação com o espaço de onde programa está se estabelecendo, esse diálogo com o lugar, qual a história desse lugar, quais são as memórias que as pessoas têm desses lugares, quais relações que se estabelecem com esses lugares nesse momento e quais pontes que se fazem desse lugar para outros nas proximidades ou em outras distâncias, isso no programa eles me chamam de nomadismo artístico. Tem essa relação que é bastante geográfica no programa e isso é muito interessante de poder pensar, estruturar e estabelecer enquanto uma forma pedagógica de criar uma coletividade ali e tudo isso pelo menos a minha experiência aqui tanto em 2012, mas também enquanto artista orientador é que o teatro nessa situação se torna um mecanismo de contato com as pessoas para que então seja possível estabelecer ali um processo de formação social, formação cidadã a partir da Cultura a partir das artes, do encontro. O teatro é usado como mecanismo, como uma ferramenta para começar a dialogar com as pessoas e a partir desses diálogos, exercícios e dessas propostas a gente vai construindo então processo que é outra coisa aqui dentro do programa é muito importante a processualidade dos encontros, da construção do processo criativo não ser algo pautado pelo Artista orientador, mas a ser investigado entre as pessoas.
Acho que o diferencial do programa é justamente esse aspecto de promover uma formação cidadã pela cultura, de tentar articular ali a partir das Artes um processo de conscientização, de emancipação, de uma tentativa de articulação das pessoas que vivem naqueles lugares onde o programa reside, eu sinto que o grande diferencial dele é nesse sentido. Como artista vocacionado eu acabo sendo um exemplo disso, alguém que vai entrando no programa se encantando pelo teatro e indo viver mil coisas, não só eu, mas conheço gente que começou no vocacional e depois seguiu nas linguagens artísticas e se transformaram a partir da experiência com o Vocacional.

M: Gostaria de agradecer, você trouxe uma visão muito incrível, uma visão de alguém que veio de um artista vocacionado a ser um artista orientador e também uma visão política muito importante.

ENTREVISTA 3

Nome: L.O. Idade: 33 anos, Atriz, Diretora teatral e Artista Orientadora

M: Só para começar, você pode falar um pouquinho sobre você nessa trajetória como você que chegou até o programa educacional como é que foi a sua experiência...

L: Eu tenho 33 anos, iniciei fazendo teatro também no Programa Vocacional, na periferia da zona sul de São Paulo eu comecei com 16 anos, era algo que eu já queria fazer há muito tempo e foi um lugar ali que eu vi que era acessível para minha realidade no momento foi o meu primeiro contato com o teatro, após isso quando eu completei a maioridade eu comecei a trabalhar e aí não conhecia, porque ainda hoje existem um monte de escolas de teatro escolas gratuitas, mas essas informações não chegam na periferia, nem o Vocacional chega quem dirá instituições como uma EAD, uma SP escola de teatro é muito difícil é esse tipo de informação nas periferias que tem arte gratuita e de qualidade.

Então comecei a trabalhar e pagar uma oficina de teatro que ficava ali na avenida Pompéia, um grupo de comedia dell'arte, comecei com eles lá, depois disso eu fui fazer uma oficina em Diadema uma oficina de dança e teatro e lá a gente montou um coletivo, foi o primeiro grupo independente que eu trabalhei que se aproximava de um formato de coletivo de teatro, de fazer teatral coletivamente que é o que eu acredito até hoje que foi o corpo sonoro de teatro, depois ingressei em outras companhias, uma que eu fiquei bastante tempo também 3 ou 4 anos que foi a companhia do caixote também fica na Pompéia e depois disso eu me graduei em comunicação social para rádio TV e vídeo. Na época eu não pensava em fazer artes cênicas para licenciar não era o lugar de atuação que eu gostaria naquele período. E aí a partir disso, dentro da minha formação acadêmica Eu sempre me identifiquei para as áreas mais pesadas mais plásticas não gostava muito das áreas de produção para trabalhar ali então sempre fui para direção para direção de arte isso E aí eu fui me especializar assim que eu me formei em direção para teatro pela SP Escola de Teatro e assim que me formei fui convidada pela própria escola como artista orientadora de um núcleo experimental e assim eu acabei conhecendo também outros lugares, fui conhecendo e me despertando também à vontade de licenciar de dar aula a partir da experiência então todas as minhas vontades vieram pela experiência, pelo contato então fui para a licenciatura, estou no meu terceiro semestre de Arte teatro.

Participei em 2021 do programa vocacional, foi o primeiro ano que eu participei e foi um ano muito significativo para o programa porque foi o primeiro ano de cotas para pessoas, não sei se já tinham antes, mas acho que foi o ano que teve o maior número de porcentagem para cotas, já tinham mais aumentaram o número então quase 56% das vagas foram destinadas para pessoas pretas pessoas ameríndias TRANS e assim vai para as minorias e acredito que

isso é um lugar importante um ganho para o programa, mas eu sinto ao mesmo tempo que às vezes a gente acaba caindo em um lugar de fetichização do nossos corpos então assim a gente precisa trabalhar, entender que para além de ser uma mulher negra eu sou uma artista formada, tenho uma formação, uma caminhada de estudo e até porque é da minha área de pesquisa é algo que eu gosto que é falar sobre a Negritude seu corpo na Cena, porém eu enquanto artista eu permeito por outras outras coisas também não falo só disso.

M: É muito legal que você traz essa visão dos dois lados, como artista vocacionada e depois como orientadora, também com diversas experiências e,em sua opinião, qual seria o principal diferencial do Programa Vocacional?

L: Eu acho que não existe diferencial, talvez esteja no público, nas pessoas dos vocacionados. Acho que existe até uma dificuldade, eupercebi atuando, das pessoas ocuparem as oficinas, mas não sei se eu peguei o modo online então é muito complexo entender esse lugar e se fosse presencialmente. Talvez o número fosse bem maior. Mas de pensar a oficina como questão teatro eu não vejo diferença, a gente trabalha muito a partir das inquietações, entendo a visão daquele grupo específico na demanda de cada grupo eu orientei muito individualmente porque às vezes os vocacionados já vêm com propostas o que torna as oficinas bastante diversificadas através da escuta desses artistas.

A escuta e o afeto são os meus maiores legados dentro do lugar de fazer teatro. É nesse lugar da troca e do afeto, para mim o afeto ele consegue atravessar qualquer indivíduo. Como eu me afeto com o que eu levo e com o eu recebo desse artista e através disso a gente transforma e cria algo.

O programa completou 20 anos agora em 2021 e foi o primeiro ano com as questões afirmativas nas vagas, nós estamos caminhando, mas falando nisso e acho que é um interessante o lugar também do programa, eu fiquei pensando um monte de colegas perto desse lugar de contratação, de sucateamento da cultura e da arte educação no nosso país. Nós somos contratados por tempo e depois a gente tem que prestar novamente no ano seguinte e esses 56% continuam nesse lugar ainda de sucateamento de trabalho então não existe vínculo, de que adianta criar vagas com programa que não existe vínculo são lugares ainda que eu acredito que ainda precisamos repensar não só o programa mas a cultura e a educação no geral.

M: Queria agradecer toda a sua disponibilidade e a visão importante e de representatividade que você trouxe!

Entrevista 4

Nome: P.G. Idade: 35 anos. Ator, Produtor Cultural e Artista Orientador

P: Eu sou ator, diretor, produtor e professor de Teatro, Arte educador, eu sou formado em licenciatura em artes cênicas na USP. Bom, vou tentar fazer um recorte aí na minha trajetória eu sou primeiro formado pelo teatro estudantil, sempre fiz teatro na escola, sempre me envolvi muito forte com o teatro na escola, seja na escola em que estudei, depois parou de ter na escola que eu estudava aí eu fui fazer teatro na outra escola que eu não estudava, mas que era aberto para a comunidade também e eu fiz teatro desde pequeno a vida toda, mas quando entrei no ensino médio e comecei a fazer teatro eu comecei a perceber e me interessar pelo fazer teatral e tinha um professor ali que fez eu me interessar pelo teatro para além do tradicional, por assim dizer, ele desafiava a gente a pensar o teatro a partir da experimentação, um teatro experimental, teatro horizontal e criativo que colocava a gente como protagonista um pouco desses processos. Digo isso porque essa minha formação estudantil acho que vai balizar um pouco tudo que vem até chegar nos meus processos em um deles o programa vocacional.

Eu era aquele viciado em teatro que, no caso o grupo a gente viajava apresentava na cidade, eu sou do ABC, Santo André no ABC Paulista, isso é interessante porque existe aqui uma efervescência cultural no ABC muito grande, seja influenciado por políticas públicas como escola livre de teatro no começo dos anos 90, seja por outros programas aí que de alguma maneira contribuíram com a cidade,o ABC como todo fomentava a cultura desde os anos 90 de maneira muito forte. Você tem programas como oemia minha cidade que tem em São Paulo mas também tem aqui em Santo André então começa o teatro desde pequeno você tem teatro nas escolas públicas e privadas os temas escola livre chama a formação de atores então você tem aí processos você consegue fazer uma formação teatral dentro da cidade por exemplo.

Aí eu me interessei para o teatro não só com esse professor também comecei a pensar sobre não só o teatro como ator mas quando fui prestar vestibular Eu já fui me colocar como pedagogo do teatro interessei pela licenciatura para alguém que ensina teatro de alguma maneira para ser vestibular eu passei a primeira a segunda a terceira passei treinar USP e fui

fazer o curso de artes cênicas paralelamente à isso eu entrei em 2008 na faculdade Desde 2005 eu entrego a companhia Estrela Dalva teatro também aqui de Santo André que era justamente com pessoas que eram desse grupo de teatro estudantil que queriam se profissionalizar Acabaram dando o grupo precisava tem até hoje E aí na trajetória Foi sim se multiplicando assim ela foi se abrindo um leque de possibilidades né eu fiz a graduação Esse colégio que chato para colagem de celular aqui em Santo André eu comecei com um aluno depois da Felicidade com esse professor depois eu dei aula nem nesse colégio também nos cursos de teatro é junto com uma outra professora também que é do meu grupo e hoje eu coordeno os cursos de teatro do colégio aqui no ABC São Bernardo e São Caetano.[5]

Entrevista 5

Nome: O.F. Idade: 37 anos.Ator, Contador de Histórias e Artista Orientador

M: Se você puder começar falando um pouco sobre sua trajetória, como você conheceu o vocacional e como foi a sua experiência enquanto Artista Orientador.

O: Bacana Mariana, por acho que é legal assim até quando eu vi a proposta do seu trabalho que é a inserção da cultura na educação básica e seu auxílio na formação do pensamento crítico e é interessante para eu chegar até o vocacional tem várias coisas que aconteceram antes e a política pública na área da cultura está muito presente na minha formação assim ela é um aspecto fundamental assim e eu acho que eu posso falar muito na prática sobre isso de quanto a política pública ela foi importante na minha na construção da minha leitura de mundo e também na minha construção enquanto artista até mesmo perceber enquanto artista.

A política pública na área da cultura foi essencial para mim e para chegar tem uma história que ela é um pouco longa e eu vou tentar resumir. Ela não começa em São Paulo, começa no Grande do Sul que é onde eu nasci, onde eu morei até 4 anos atrás, estou há 4 anos em São Paulo e lá que começou assim e é interessante Observar isso o quanto a política pública teve essa importância né porque eu sou nascido numa cidade do interior do Rio Grande do Sul

[5]Devido ao conteúdo expressivo da entrevista 4, foi transcrita apenas uma parte. A transcrição completa encontra-se disponível através do *link*: <https://docs.google.com/document/d/1fn3SkCzyry7z_M495p4gG34Us3oKjObD7UrAJCch4h0/edit?usp=sharing>. Acesso em: 14 maio 2015.

chamada Barão do Triunfo é uma zona rural é sou filho de família pobre de origem pobre, meus pais são agricultores Então a gente sempre trabalhou na agricultura e desde cedo eu precisei ajudar meus pais no trabalho né então jamais me passou pela cabeça jamais eu pensava dentro já da minha adolescência, já passando para a vida adulta de que eu poderia ser um artista e aí a gente pega também esse ponto né de como as pessoas que não tem privilégios como é mais difícil pensar em ser artista né quando como é mais difícil a gente ter essa percepção de que a arte pode ser uma profissão, que a arte educação pode ser um um meio de trabalho, eu não tinha esse olhar com meus 17, 18 anos por aí eu não tinha essa perspectiva eu não tinha seu olhar.

Saio dessa cidade do interior para morar numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Canoas, e trabalhei muito tempo em lancheria, trabalhei oito ou nove anos em lancheria para me sustentar enfim e naquela época eu achava que eu queria trabalhar com informática e aí fiz uma formação, me formei como técnico de informática atuei também durante 5 anos como técnico em informática, mas eu sempre tive uma prática de leitura, sempre senti muito prazer na leitura e é muito interessante porque às vezes muitas pessoas que falam de como chegaram na leitura, que tiveram incentivo em casa e eu não tive assim até por uma questão acho de estar nesse ambiente onde o acesso é mais difícil, onde meus pais meus avós ninguém teve esse acesso então era mais difícil, foi um caminho que eu fui construindo mesmo a partir de uma intuição.

Eu sempre frequentava a biblioteca pública da cidade,pegava emprestado, estava sempre lá aí que era junto da secretaria de cultura na época. Lembro que já estava atuando com informática nessa época, mas eu odiava, era um ambiente que eu não me sentia bem era um ambiente que de muita pressão de muita cobrança, eu não sentia um tratamento humanizado ali, era bem complexa a situação e um dia que eu estava chegando à biblioteca para pegar um livro e vi um edital que falava sobre a seleção de Agentes de leitura, olhei e achei interessante aí fui perguntar na secretaria o que era aquilo aí falaram que iriam selecionar 20 pessoas para umprojeto que se chama agente de leitura. Achei o projetointeressantíssimo porque era um projeto que tinha surgido no Ceará com Fabiano Santos Silva, que hoje é Secretário de Cultura no estado e era um projeto que trazia a ideia da promoção e incentivo à leitura com pessoas que atuavam neste termo de agentes como se fosse um agente de saúde, uma pessoa que ia fazer visitas de acompanhamento nas casas das pessoas, de famílias de baixa renda, em regiões de vulnerabilidade social e realizávamos visitas semanais nas casas das famílias com

ações de promoção e incentivo à leitura dentro dessas casas e isso para mim talvez tenha sido uma das maiores formações como ser humano enquanto artista e arte-educador. [6]

[6]Devido ao conteúdo expressivo da entrevista 5, foi transcrita apenas uma parte. A transcrição completa encontra-se disponível através do *link*: <https://docs.google.com/document/d/1y2XgYaShVHtguvEsBd06SnrIKdr6Q8U5/edit?usp=sharing&ouid=103174169264813502172&rtpof=true&sd=true>